

A VELHICE NA PÓS-MODERNIDADE E O IDOSO DA GLOBALIZAÇÃO

Denise Lima Tinoco

*Mestrado – Programa Pós-graduação Cognição e Linguagem –
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro*
denisepsicologaclinica@gmail.com

Rosalee Santos Crespo Istoe

*Professora Dra. Programa Pós-graduação Cognição e Linguagem –
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro*
rosaleeistoe@gmail.com

Valtair Afonso Miranda

Dr. História, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
valtairmiranda@gmail.com

Samantha Maia Koch Torres

Cirurgiã Dentista – Faculdade de Odontologia Campos
samanthakocht@gmail.com

Resumo - O envelhecimento humano é um processo natural que acontece ao longo do ciclo de desenvolvimento humano. Diante das variadas experiências psicológicas e emocionais do sujeito na velhice, é relevante, reconhecer a dicotomia existente entre o idoso da época remota e o idoso da atualidade, caracterizado por novas condições de vida, sentida na sociedade líquida, conectada e complexa. Atualmente o idoso é convocado pelo mundo globalizado, envolto pelo consumo e lucro, seduzido pela publicidade midiática, gerando conflitos pessoais. Só há lugar na positividade. A mudança estrutural etária populacional, atinge e transforma os arranjos sociais, culturais, econômicos, institucionais, familiares do contexto, da chamada, sociedade pós-moderna. Neste sentido, a pesquisa é uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória, e aborda o idoso da atualidade, que é um ser conectado e adaptado aos avanços tecnológicos. Portanto o objetivo geral do estudo encontra-se em argumentar e refletir sobre o lugar do envelhecimento na pós-modernidade frente a positividade do mundo globalizado.

Palavras-chave: Envelhecimento, Pós-modernidade, Positividade.

Abstract - Human aging is a natural process that occurs throughout the human development cycle. Given the varied psychological and emotional experiences of the subject in old age, it is relevant to recognize the dichotomy that exists between the elderly in ancient times and the elderly today, characterized by new living conditions, felt in a liquid, connected and complex society. Currently, the elderly are called upon by the globalized world, surrounded by consumption and profit, seduced by media advertising, generating conflicts in interpersonal relationships. There is only room for positivity. Population age structural change affects and transforms the social, cultural, economic, institutional, and family arrangements of the context of the so-called postmodern society. In this sense, the research is a bibliographic review, with a qualitative and exploratory approach, and addresses today's elderly, who are connected and adapted to technological advances. Therefore, the general objective of the study is to argue and reflect on the place of aging in postmodernity in light of the positivity of the globalized world.

Keywords: Aging, Postmodernity, Positivity.

Introdução

O aumento populacional é um fato em diversos países do mundo e o envelhecimento populacional passou a ser amplamente discutido nos últimos anos, consistindo no aumento do

número de indivíduos com idade acima de 60 anos. Estudos em diversas partes do mundo demonstram que nas próximas décadas o público idoso será maior que o quantitativo de jovens. A longevidade crescente no Brasil, é uma realidade que tem impacto significativo em diversos aspectos, incluindo econômicos, sociais e psicológicos. Existem diversas causas para esse fenômeno, tais como a diminuição da taxa de natalidade, avanços na área da saúde que resultam em maior expectativa de vida e mudanças nos padrões familiares e sociais. No entanto, fatores associados a baixa taxa de natalidade e a baixa taxa de mortalidade infantil advindas pelo avanço científico, ocasionou melhores condições na qualidade de vida das pessoas, propiciando uma alteração no perfil etário brasileiro. As demandas brotam quanto aos impactos do envelhecimento, e para lidar com essa situação, melhorar os fatores econômicos, sociais e psicológicos dos idosos são algumas providências que podem ser tomadas. No âmbito econômico, políticas públicas voltadas para a inclusão e permanência do idoso no mercado de trabalho, bem como benefícios previdenciários adequados, podem ser implementadas. Do ponto de vista social, é importante promover ações que combatam a discriminação etária e que incentivem a participação ativa dos idosos na comunidade. Já em termos psicológicos, é essencial garantir o acesso a serviços de saúde mental e promover ações que visem o combate ao isolamento social e a promoção do bem-estar emocional dos idosos.

A compreensão do envelhecimento humano é uma temática complexa e multifacetada que transcende as fronteiras temporais, refletindo não apenas as transformações biológicas individuais, mas também as mudanças sociais, culturais e econômicas que permeiam as diferentes épocas. Ao adentrar na enigmática cronografia da história, anseia-se identificar as manifestações reais e as condutas sociais que atravessam cada era dos fatos acerca do envelhecimento, caracterizado como um fenômeno dinâmico, edificado por contextos culturais e sociais próprios.

O aumento considerável da população idosa nas últimas décadas no Brasil, trouxe maior representatividade ao idoso, incitando ações sociais plurais, tais como: a homologação do Estatuto do Idoso; revisão das regras da Previdência Social; a criação de Universidades da Terceira Idade; criação de programas de atenção ao idoso e à sua saúde. Nas mudanças oriundas do envelhecer, o idoso tende a ter rugas, cabelos brancos, diminuição da capacidade auditiva e visual, sendo relevante conhecer as questões vividas pelo idoso na sociedade globalizada, conectada e complexa. Atualmente, o longevo é convocado pelo mundo globalizado envolto pelo consumo e lucro, seduzido pela publicidade midiática de um idoso cada vez mais jovem, gerando conflitos instáveis, reinando a incerteza. Frente as variadas experiências psicológicas e emocionais do sujeito na velhice somadas as fragilidades vividas nos pós pandemia da COVID-19, é relevante, reconhecer a dicotomia existente entre o idoso da época remota e o idoso da atualidade, caracterizado por novas condições de vida sentidas na sociedade líquida, conectada e complexa. Atualmente o idoso é convocado pelo mundo globalizado, envolto pelo consumo e lucro, seduzido pela publicidade midiática, gerando conflitos pessoais.

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo encontra-se em argumentar e refletir sobre o lugar do envelhecimento na pós-modernidade frente a positividade do mundo globalizado. O percurso metodológico da presente pesquisa centra-se em uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e exploratória, para investigar a temática do envelhecimento humano desde uma perspectiva histórica até a contemporaneidade. O estudo aborda o idoso da atualidade, que é um ser conectado e adaptado aos avanços tecnológicos. É proibido envelhecer sem tornar-se velho. A sociedade midiática edita idosos desejosos a envelhecer, fixados as características da juventude como a beleza e a saúde. Diante dessa fixação, emerge a tensão de agir em detrimento a falta ou do vazio de ser, dando lugar a auto violência, auto-humilhação e autocensura. Só há lugar na positividade.

Diante disso, é mister o idoso estabelecer novas ligações e encontros, visando sentir seu estado de autonomia dando vida a sua existência. A partida para este estudo, encontra-se na visada de discorrer sobre a argumentação e reflexão do lugar do envelhecimento na pós-modernidade diante da positividade. Para o desenvolvimento da temática do envelhecimento, a pesquisa debruça-se a identificar insolitamente em obras relevantes, como artigos científicos, livros, documentos históricos e relatórios governamentais sobre a evolução acerca do envelhecimento.

A argumentação teórica apresentada, descende da reflexão no que se refere as complexidades do envelhecimento ao longo da história, levando ao entendimento do envelhecimento na sociedade, consumidos pelo mundo conectado e em adaptação aos avanços tecnológicos. O apanhado teórico, para este estudo, encontra-se fundamentado nas reflexões dos

referidos autores: Guita Grin Debert (1999), Viktor Emil Frankl (1989, 2018), Byung-Chul Han (2015, 2021), Zygmunt Bauman (2001) e Vattimo (1992).

Indiscutivelmente importante reconhecer que as perspectivas sobre o envelhecimento não são imutáveis; antes, são intrinsecamente ligadas às estruturas e valores de cada sociedade em seu respectivo contexto histórico. Nesse sentido, propõe-se uma análise que transcenda a mera narrativa cronológica, buscando identificar os caminhos que ligam as diferentes eras que agregam a visão contemporânea sobre o envelhecimento.

Contudo, é mister o idoso estabelecer novas ligações e encontros, visando sentir seu estado de autonomia dando vida a sua existência. O começo para o estudo se faz ao caminhar sobre a argumentação e reflexão do lugar do envelhecimento na pós-modernidade diante da positividade.

Fundamentação teórica

O envelhecimento humano é um processo natural que acontece ao longo do ciclo de desenvolvimento humano. Ele é um processo multifatorial, que não é apenas neurobiológico, mas traz também efeitos psicológicos e comportamentais. Porém, ressalta-se que a divisão do ciclo de vida em etapas é constantemente apontada como sendo uma construção social. Isto deve-se à identificação de que as percepções sociais sobre as fases do desenvolvimento sofrem modificações dependendo do contexto social e histórico (PAPALIA, 2013).

O envelhecimento populacional passou a ser amplamente discutido nos últimos anos, consistindo no aumento do número de indivíduos com idade acima de 60 anos. É o fenômeno conhecido como envelhecimento humano. Estima-se que em 2025 o número de idosos pode chegar a 30 milhões. No Brasil, o aumento dessa população será em torno de 15 vezes entre 1950 e 2025, o que fará com que o Brasil tenha a sexta população com o maior número de idosos em números absolutos no ano de 2025 (DAWALIBI et al., 2013). Fatores associados a baixa taxa de natalidade e a baixa taxa de mortalidade infantil advindas pelo avanço científico, por mais estudos da medicina e por melhorias dos serviços voltados ao saneamento básico, ocasionou melhores condições na qualidade de vida da maioria da população brasileira, propiciando uma alteração no perfil etário do público brasileiro, que nos últimos anos tem se transformado, gerando assim um maior número de adultos e idosos.

Minayo e Coimbra (2002) afirmam que a visão depreciativa dos idosos tem sido alimentada pela ideologia produtivista que sustentou a sociedade capitalista industrial, na qual predomina a visão de que, se uma pessoa não é capaz de trabalhar e ter renda própria, não serve para uma comunidade ou país. Isso destaca a forma como as percepções negativas em relação aos idosos podem estar enraizadas em ideologias econômicas que valorizam a produtividade e contribuição financeira, desconsiderando as outras formas de contribuição e sabedoria que as pessoas idosas podem oferecer à sociedade. Segundo os autores, pode-se afirmar que os conhecimentos sobre os idosos se mantêm ainda obscuro pois, até então as pessoas têm falado pelos idosos, no entanto, focando a etapa do envelhecimento e da velhice como um processo negativo. Minayo e Coimbra (2002) esclarecem que as pessoas ensaiam falar sobre o envelhecimento, mas são carregadas de estereótipos que impedem a construção de uma identidade positiva do idoso. Por isso, a maior necessidade é buscar conhecer a vida dos idosos, escutando-os a respeito de como se sentem nessa estrada, contando com a participação deles para a realização de seus anseios e para a construção de vida que lhes seja adequada.

No passado, as civilizações antigas valorizavam o homem mais velho e os tinha como detentor de conhecimento e sabedoria. No entanto, embora algumas pessoas fortes e sãs chegassem aos 70 anos de idade, a maioria das pessoas morriam antes dos 50 anos e os idosos mais fracos eram considerados um fardo, ignorados e até sentenciados a morte. A visão ancestral do envelhecimento encontrava-se amarrada com princípios de respeito pelo costume e acúmulo de conhecimento ao longo de gerações.

Na Idade Média, o envelhecimento era frequentemente visto como uma fase da vida de pouca importância e as condições adversas muitas vezes resultavam em expectativas de vida reduzidas. Muitas vezes, as pessoas não viviam além dos 40 anos, devido a diversas condições de saúde, falta de avanços sanitários e desafios socioeconômicos. O envelhecimento era ofuscado por diversos anseios da luta cotidiana pela sobrevivência. Todavia a velhice em certas culturas,

mantinha-se valorizada como um estágio de conselhos e liderança.

No período Renascentista, o entendimento sobre o envelhecimento era influenciado por diversas perspectivas culturais e filosóficas. Neste período, foi introduzido uma mudança de paradigma ao focar o indivíduo e suas potencialidades. A arte e a literatura desta época retratavam as figuras idosas de modo respeitoso, refletindo a admiração pela maturidade. Foi a época da valorização da vida terrena e o envelhecimento começou a ser apreendido de maneira individualizada, embora o culto à juventude ainda permeasse muitas esferas sociais.

Durante o início do século XIX, os idosos começaram a perder suas posições de destaque, poder e centro da família, para um lugar de abandono e desvalorização (Santos, 2007). O idoso dessa fase vivia imerso numa outra realidade, em maior contato com a natureza, alimentava-se por meio de seus próprios cultivos, geralmente expostos a doenças, sem prevenção e tratamento.

Outrossim, a partir da Revolução Industrial, o idoso deixa o mundo da produtividade, assumindo a condição de desvalorização e inutilidade. Em contrapartida, com o caminhar da história, os idosos foram adquirindo direitos, na busca por garantias na qualidade de vida, autonomia, e na reinserção no mercado de trabalho, garantindo evidência no âmbito familiar e da sociedade. A Revolução Industrial e os avanços subsequentes na medicina contribuíram para o aumento da expectativa de vida. Paradoxalmente, esse progresso muitas vezes resultou em uma estigmatização do envelhecimento, à medida que as sociedades industrializadas passaram a idolatrar a vitalidade juvenil e marginalizar os idosos.

No chegada século XX, a ascensão dos movimentos de direitos civis e a conscientização sobre a discriminação etária começaram a moldar uma percepção mais equitativa do envelhecimento. O advento da Gerontologia como disciplina científica destacou a importância de estudar os aspectos biopsicossociais do envelhecimento e influenciou a formulação de políticas públicas voltadas para a população idosa.

Contudo na contemporaneidade, a rápida transformação demográfica, aliada a avanços tecnológicos, redefine as fronteiras do envelhecimento. As sociedades enfrentam o desafio de repensar estruturas e instituições para acomodar uma população idosa crescente. Feijó e Medeiros (2011) esclarecem que a valorização do envelhecimento ativo e saudável, aliada a movimentos que desafiam estereótipos negativos associados aos idosos, delineia uma nova era na qual a diversidade de experiências durante o processo de envelhecimento é reconhecida e celebrada.

De acordo com os autores Dardengo e Mafra (2019), estes acrescentam que, ao analisar a palavra “velhice” percebe-se que esta está repleta de conotações como: insegurança, vulnerabilidade, dor, pois encontra-se impregnada de falsas ideias, medos, crenças e mitos. Notavelmente, as representações da velhice percebidas ao longo da história variam de acordo com a cultura, a época e o lugar. Neste ponto, o envelhecimento é o processo gradual, natural de ficar mais velho ao longo do tempo, resultando na velhice. Destarte, o envelhecimento não é um conceito único, mas todo um conceito construído historicamente.

Desenvolvimento do tema

O envelhecimento populacional da era contemporânea, impulsionou uma reavaliação profunda das percepções e abordagens em relação à velhice. Nesse contexto, a valorização do envelhecimento ativo está intrinsecamente ligada a teorias que rejeitam estereótipos antiquados sobre os idosos, destacando a importância de uma participação ativa na sociedade para um envelhecimento saudável e satisfatório.

Levantando-se brevemente umas questões sobre a caminhada histórica dos idosos na idade moderna, aponta-se que no início do século XIX, estes, começaram a perder suas posições de destaque, poder e centro da família, para um lugar de abandono e desvalorização (SANTOS, 2007). O idoso de outrora vivia imerso numa outra realidade, em maior contato com a natureza, alimentava-se por meio de seus próprios cultivos, geralmente expostos a doenças, sem prevenção e tratamento.

A mudança estrutural etária populacional atinge e transforma os arranjos sociais, culturais, econômicos, institucionais, familiares do contexto da sociedade pós-moderna. Dessa maneira, a sociedade na contemporaneidade, é ancorada na fluidez das relações interpessoais vivenciadas pelo capitalismo globalizado, arraigado ao consumo e ao lucro gerando, segundo o filósofo Bauman (2001), a impessoalidade, fruição dos bens, das mercadorias, predominando as frustrações e a

depressão.

Na pós-modernidade, período marcado por uma profunda reconfiguração sociocultural impulsionada pela globalização, o envelhecimento humano emerge como um fenômeno intrinsecamente entrelaçado aos matizes de uma sociedade cada vez mais interconectada e dinâmica. Nesse panorama, onde a positividade é muitas vezes associada à incessante busca por novidades, à inovação tecnológica e à efemeridade das experiências, a reflexão sobre o lugar ocupado pelo envelhecimento ganha contornos particulares.

Por seu turno, a contemporaneidade, caracterizada pela rapidez de informações e pelo culto à juventude, incita as concepções tradicionais do envelhecer como um declínio inevitável. Em compensação, a era atual propõe um exame mais atento das possibilidades de envelhecer no mundo globalizado desafiando as imposições massivamente deflagrada nas mídias digitais.

Consequentemente, a globalização, ao promover a interconexão de culturas e valores, funda um circuito de influências que esculpe as concepções do envelhecimento. As noções de vitalidade, produtividade e realização pessoal ganham destaque, desafiando estereótipos enraizados que relegam os idosos a uma posição passiva na sociedade. Por conseguinte é categórico inquirir como a positividade do mundo globalizado se manifesta nas percepções contemporâneas sobre o envelhecimento, influenciando a maneira como os indivíduos envelhecem e são percebidos.

Observa-se que, dos períodos anteriores a globalização até os dias atuais, as mudanças sofridas nas relações, nas ciências, na sociedade de modo geral ocasionadas pela mundialização, abalou os valores do ser idoso, de modo que, o velho que era valorizado por sua vivência, agora tem seus valores dissolvidos; a vida esvaziada de sentido; os seus fundamentos sendo fragmentados; o clã se desintegrando; o sagrado sendo profanado, enfim, tudo que era sólido para ele, se volatizando (Bauman, 2001; Debert, 1999; Neri, 1991). O processo de globalização, é um fenômeno do modelo econômico capitalista, que consiste na mundialização do espaço geográfico, através da interligação econômica, política, social e cultural em âmbito planetário, que em meio ao cenário pós-moderno, registra-se bem diferente.

Com isso, no Brasil estima-se que nos próximos 20 anos a população de idosos poderá alcançar e até mesmo ultrapassar a cifra dos 30 milhões de pessoas, o que representará aproximadamente 13% da população. Pela Lei Federal nº 10.741 de 1 de outubro de 2003, a qual consta também no Estatuto do Idoso, é considerada pessoa idosa aquela cuja idade é igual ou superior a 60 anos. Da mesma forma, a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, sobre Política Nacional do Idoso, prevê a proteção dos direitos sociais dos idosos e cria condições para promover a sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Entretanto, a sociedade não está preparada para essa mudança no perfil populacional e, embora as pessoas estejam vivendo mais, a qualidade de vida não acompanha essa evolução. Os dados mostram que os idosos apresentam mais problemas de saúde que a população geral, e isso se dá também pelas inovações da pós-modernidade (BARROS, 2000).

Aponta-se que é incontestável os avanços científicos e grandes conquistas na área da produção do conhecimento e das tecnologias. É pós-moderno, ter a capacidade de prolongar a vida humana, o que na área do envelhecimento humano significa, ampliar a longevidade, oferecendo ao idoso, a ilusão da eterna juventude, causando assim, a dissolução, desagregação e caos aos idosos da sociedade fluida. Conforme Reis (2016), mergulhado nas fundamentações sociológicas de Bauman acerca da sociedade líquida, expõe que:

[...] "somos bombardeados continuamente por informações superficiais e, sem que percebamos, acabamos aceitando o efêmero, o fragmentário, e o caráter imediato dos eventos... Perde-se profundidade e a possibilidade de manter valores e crenças. Até mesmo nosso sentido de continuidade e nossa memória histórica são atingidos" (REIS, 2016. P. 3).

Vattimo (1992), destaca arduamente que, os meios de comunicação, ou os *mass media*, como os denomina o autor, praticaram um papel determinante para o desenvolvimento e o nascimento de uma sociedade pós-moderna. Pelo pensamento de Vattimo (1992) pode-se observar que, existe uma sociedade não mais transparente, mais consciente de si, mais iluminada, mas uma sociedade complexa, caótica, embora seja nesse caos de opacidades, que residam as expectativas de emancipação do homem contemporâneo. A inviabilidade de pensar a história como um curso

unitário, mostra a representação e o lugar de fim da modernidade. Há que se destacar que, essa ideia, não é decorrente apenas da crise do colonialismo e do imperialismo europeu, mas é também o resultado do nascimento dos meios de comunicação de massa: jornais, rádio, televisão e Internet. Apoiados em Vattimo (1992), assiste-se o consumo e a cultura do espetáculo alicerçadas as mídias de massa, onde a publicidade tem um forte impacto na construção da identidade social e no comportamento do homem pós-moderno, aqui o ser idoso.

Segundo o filósofo Han (2015), na sociedade globalizada, o sujeito é constantemente bombardeado por informações e estímulos, resultando em uma sobrecarga mental e emocional. O ser diante da positividade imposta pelas mídias, tem sentimento de inadequação, por sua vez, referentes à pressão social da violência exigida pela cultura da felicidade, do sucesso e da produtividade o tempo todo, levando o ser a exaustão. A violência, nesse sentido, é manifestada de forma indireta e ocorre também por meio da exploração da própria vontade de poder e da pressão que o ser sente por ser moldado pelos padrões de produtividade e sucesso.

Autores como Bauman e Donskis (2014, p. 49), enfatizam em seus estudos sobre o papel da mídia na sociedade atual que, as mídias contribuem para produzir “indivíduos insensíveis, cuja natureza e atenção sociais só são despertadas por estímulos sensacionais e destrutivos”. Com isso, surge também outra questão da modernidade que é o medo. O medo assume formas diversas, que vão desde a perda do emprego, posição social e bens materiais até a ameaça tóxica e de fatores cancerígenos, e podemos acrescentar a essa considerável lista, o terrorismo. Conforme Bauman e Donskis (2014), além destes medos, está presente na atualidade, o medo da ‘desimportância’, o que pode explicar o sucesso das redes sociais e, conseqüentemente, o papel que elas desempenham na nossa vida. Nesse sentido, o medo, exposição, indiferença, fragilidade moral e insegurança, são aspectos importantes do novo contexto que atingem a todos e, de maneira especial, aqueles que envelhecem. Assim, eles se somam àqueles desafios trazidos pelo próprio processo de envelhecimento. A sociedade atual e o momento histórico inspiram cuidados. Essa é uma necessidade premente. É necessário cuidar do planeta, da natureza e, sobretudo, dos seres humanos. Para Boff (2012) o cuidado deve estar presente em todos os momentos e em todos os aspectos de nossa vida e “o modo de ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano” (BOFF, 2012, p.38).

Ao pronunciar-se sobre a sociedade líquida, Bauman (2001), aborda ainda sobre os sentimentos de apatia e vazio, com relação aos relacionamentos sociais fluidos oriundos da pós-modernidade. Bauman (2001) vai esclarecer que, a relação social de laços sólidos, vivenciados presencialmente, com a existência do cumprimentar na saudação, foram transformadas pelas relações virtuais, sustentadas pelas redes sociais, conectadas por meio da tecnologia, onde o diálogo é permitido, pela facilidade de alcançar de qualquer lugar, por qualquer um, a qualquer hora. Entretanto segundo o autor, com a naturalidade do “poder” conectar-se com o outro, pode-se também a partir de uma incompatibilidade qualquer, ser bem fácil desconectá-lo.

Para Bauman (2001, p. 30), em relação a essa sociedade, é sumamente significativo frisar que:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro — em nome da produtividade ou da competitividade.

A pós-modernidade, caracterizada por um sujeito da produção, do desempenho e do “sim, tudo posso”, deixou para trás uma sociedade moderna, disciplinar, caracterizada por um sujeito da obediência, institucionalizado e cronológico em uma sociedade moderna. No entanto, a modernidade vivenciou transformações profundas em suas estruturas e valores, isso refletiu diretamente no modo como os idosos desse período são percebidos e tratados. Muitas vezes, as

características sociais associadas aos idosos são cronologizadas de forma negativa, resultando em uma visão estereotipada e depreciativa. Um dos principais aspectos atribuídos aos idosos na era da modernidade é a improdutividade e estagnação.

Outrossim, segundo Han (2021), a sociedade contemporânea testemunha o declínio dos rituais que conferiam significado às transições de vida, incluindo o envelhecimento. A ausência desses rituais contribui para uma compreensão fragmentada e superficial do processo de envelhecimento, obscurecendo a importância das experiências acumuladas ao longo dos anos. A incessante busca por positividade, segundo o autor, gera uma pressão constante para a produção de experiências agradáveis, contribuindo para a supressão de aspectos mais desafiadores e reflexivos associados ao envelhecimento. Segundo Han (2021), a negação desses elementos essenciais resulta em uma representação distorcida do envelhecer, que é percebido predominantemente como um fenômeno positivo, desconsiderando as complexidades inerentes a essa fase da vida.

Nesse entendimento, Han (2021) instiga uma reflexão crítica sobre os desafios que a positividade exacerbada impõe à compreensão do envelhecimento na contemporaneidade. Ao mesmo tempo, abre espaço para considerar as possibilidades de resignificação, destacando a importância de reavivar rituais e práticas que conferem profundidade e significado ao processo de envelhecimento, refletindo sobre como cultivar uma abordagem mais equilibrada e enriquecedora do envelhecimento, que não se submeta exclusivamente à ditadura da positividade superficial, mas que abrace a integralidade da experiência humana ao longo do tempo.

As tensões psicológicas e sociais podem apressar as deteriorações associadas ao processo de envelhecimento. Percebe-se no indivíduo que envelhece uma interação maior entre os estados psicológicos e sociais refletidos na sua adaptação às mudanças. A habilidade pessoal de se envolver, de encontrar significado para viver, provavelmente influencia as transformações biológicas e de saúde que ocorrem no tempo da velhice. Assim, o envelhecimento é decisivamente afetado pelo estado de espírito, muito embora dele não dependa para se processar. Os discursos positivistas que envolvem a era pós-moderna, comportam indivíduos que asseveram interesse e desejos em alguma coisa que os preenchem, e o idoso, não está distante disso, pois deseja que seu vazio seja aplacado e o torne feliz. Na realidade, os idosos e as pessoas querem caminhar a busca de encontrar sentido para sua existência e resgatar valores, antes estabelecidos.

Neste cenário da sociedade na atualidade, o ser idoso, carece de fazer escolhas e encontrar um sentido para a vida que vá além das exigências de prazer ou de poder, mas do abastecer a vida com significados para o seu existir. Em análise desenvolvida por Frankl (1989) psiquiatra, neurologista e professor da Universidade de Viena, sobre tais comportamentos, vai afirmar que as escolhas que o ser humano determina na vida são significativas, pois realça a necessidade de fazê-las com liberdade e com responsabilidade. Desse modo, conforme o autor, a ausência de sentido afetaria diretamente o idoso em seu bem-estar psicológico, podendo promover condutas inadequadas e medo com relação ao futuro, gerando assim a sensação de falta de sentido. No entanto, a escolha de alguma coisa, envolveria em deixar de lado as outras opções. Diante as palavras de Frankl (1989, p. 66) "Cada momento encerra milhares de possibilidades, mas eu só posso escolher uma delas para realizá-la, condenando todas as outras ao não-ser". Cabe refletir que, diversas oportunidades podem surgir para que o idoso realize suas escolhas, mas como cada instante é considerado único, o homem escolherá aquilo que lhe traga sentido para cada situação vivenciada, sendo este o sentido do momento. Frankl (2018) afirma que não há comparação entre os seres humanos e os destinos e que nenhuma situação se repete, sendo que para cada uma delas o homem deve assumir uma atitude.

Desta forma, frente a sociedade da positividade, o idoso surge com a necessidade de realizar-se, com anseios de tornar-se alguém fecundo no mundo globalizado. No entanto, do ponto de vista da liquidez dos tempos, o idoso impossibilitado de manter conexões duradouras e intensas de relacionamentos, só resta mesmo a frustração. No intuito de suprir o desejo não realizado, eis que surgem as compensações, sob a forma de consumo desenfreado por bens insignificantes, horas a fio conectado nas mídias digitais, o que leva a crer que, o que outrora era ansiado, na sociedade pós-moderna os idosos podem, têm. Em contrapartida, a sociedade pós-moderna, pode produzir nos sujeitos contemporâneos apatia, indiferença, tédio, depressão, egoísmo, imediatismo. Na expectativa dessa abordagem, segundo Gonçalves (2007), as concepções que a pós-modernidade produziu no sujeito e na subjetividade, são resultados das concepções desenvolvidas pela modernidade, que apesar de no princípio serem saudadas, depois se revelaram como risco de

negação e descaracterização total do sujeito; pois, para a autora, este se volatilizaria.

De acordo com Heilborn (2020), morar sozinho e envelhecer são considerados os fenômenos demográficos relevantes das últimas décadas. A pandemia da COVID-19 e as recomendações de distanciamento que vieram a seguir, aumentaram a consciência pública sobre os impactos psicológicos das medidas de distanciamento social e da solidão que muitas pessoas estão experimentando. Na vida cotidiana de muitos idosos esse sentimento é comum, entretanto, silenciado pela sociedade. A solidão, importante preditor de mortalidade e de fatores de risco clínicos na velhice, como o declínio da capacidade funcional, deveria ser tratada como grave fator de risco e problema de saúde.

No estudo de Deep (2014), o autor destaca que a solidão é um fator de risco significativo no surgimento de problemas de saúde mental e física de idosos na pós-modernidade. Quando conexões sociais significativas são percebidas como cortadas ou indisponíveis, a solidão pode ter efeitos deletérios na cognição e no comportamento.

O envelhecimento na pós-modernidade oferece para os idosos muitas possibilidades. O envelhecimento está se tornando cada vez menos um processo unitário governado pela biologia; e cada vez mais modificado pela cultura e aberto à reinterpretção e à reconstrução. A perspectiva pós-moderna sobre o envelhecimento não é moldada por fases predeterminadas. À medida que o desenvolvimento científico e tecnológico redefine e diminui as restrições da integração, a experiência do envelhecimento será moldada por narrativas escolhidas livremente e a liberdade da terceira idade permitirá mais oportunidades (tempo e recursos) para a criatividade na construção de narrativas de vida do que qualquer outro momento da vida (POWELL, 2020).

Considerações finais:

Conclui-se que são muitos os desafios da velhice na atualidade, no entanto, ao refletir sobre idosos na pós-modernidade, deve-se levar em conta, suas conquistas e realizações ao longo da vida, mas além disso, analisar o sentimento de vulnerabilidade e fragilidade, que possa surgir, pela imposição da sociedade na Contemporaneidade.

O idoso aposentado, já não é mais propenso a produzir, percebendo-se sem um sentido para a vida. Essa vivência de incapacidade pode resultar em patologias, diante da ausência de respostas, pela busca incessante de sentido ou por um vazio existencial, que pode ser ampliado frente as tantas mudanças na atualidade.

Quanto a noção complexa de envelhecimento na pós-modernidade, foi revelada na multiplicidade dos caminhos e experiências apontadas ao longo da história, a respeito do envelhecer.

A positividade, enquanto paradigma crescente, emerge como uma advertência, desafiando estereótipos e desprestigiando a narrativa do envelhecimento como uma fase utópica de contemplação.

As tecnologias contemporâneas, desempenham um papel significativo na construção de uma percepção presunçosa do envelhecimento.

A construção de narrativas limitadoras acerca da velhice, fortemente disseminadas na pós-modernidade, certifica a desconstrução da diversidade de experiências do envelhecimento, refletindo num movimento irreal, ilusório e limitante sobre o processo da velhice. Contudo, é imperativo reconhecer que desafios persistem, incluindo a exclusão social e a necessidade de políticas públicas e práticas sociais que assegurem o envelhecimento natural e mais humanizado a todos os segmentos da população idosa.

Em última análise, esta pesquisa proporcionou uma análise crítica e contextualizada do envelhecimento humano na pós-modernidade. As conclusões extraídas reforçam a importância de um enfoque multidimensional, considerando as complexidades e variabilidades inerentes ao processo de envelhecer. À medida que nos deparamos com um futuro em que as dinâmicas socioculturais continuam a evoluir, a compreensão aprofundada dessas reflexões oferece insights valiosos para orientar políticas, práticas sociais e futuras investigações, visando uma promoção mais efetiva do envelhecimento na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

Barros M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** 2a ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV; 2000.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 2001, p. 258.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. - **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL. **LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Art. 1oÉ instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Brasília, 2003.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

DAWALIBI, N.W.; et al. Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 393-403, Sept. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 outubro. 2023.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?** Revista De Ciências Humanas. 2019.

DURGANTE, H. B., TOMASI, L. M. B., Pedroso de Lima, M. M., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Long-term effects and impact of a positive psychology intervention for Brazilian retirees. **Current Psychology**. 2020.

FEIJÓ, M. C. C.; MEDEIROS, S. A. R. **A sociedade histórica dos velhos e a conquista de direitos de cidadania**. Revista Kairós Gerontologia, 14(1), ISSN 2176- 901X, São Paulo, março 2011: 109-123.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Quadrante, 1989.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço **tradução de Enio Paulo Giachini**. 2a edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEILBORN M. L. A, PEIXOTO CE, BARROS M. M. L. **Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares**. Physis (Rio J.) 2020; 30:e300206.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO. **Lei nº 8.842, de janeiro de 1994**. 1ª edição. Brasília. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf. Acesso em: 5 dez. 2023.

POWELL, J. (2020). **Theories of ageing: New social horizons**. Nova Science Press. 2020.

REIS, Maria Augusta. Envelhecimento e Pós-Modernidade: a importância do cuidado. **Revista Longeviver**, n. 49, 2016. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal>

VATIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d’Água, 1992.